

A PRÁTICA PARTILHADA NA COMUNIDADE RBEP ATRAVÉS DA SUA PLATAFORMA

Natividade Santos
Escola Básica À Beira Douro – Medas
snatividade@gmail.com

Amélia Lopes
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da U. Porto
amelia@fpce.up.pt

Belmiro Rego
ESEV – Instituto Politécnico de Viseu
brego@esev.ipv.pt

Resumos

As comunidades de prática conhecem actualmente um desenvolvimento importante. A Rede de Bibliotecas Escolares do Porto (RBEP) é uma comunidade de prática de professores bibliotecários, que recorre a uma plataforma online e que tem como missão apoiar estes profissionais e dar visibilidade ao seu trabalho.

Neste artigo, apresentamos a RBEP e a sua plataforma, e reflectimos sobre o conceito de comunidade de prática, baseando-nos em Wenger. Apresentamos dados de um projecto de investigação em curso, relativos a um questionário cuja finalidade consistiu em caracterizar a RBEP como uma comunidade de prática. Também fornecemos dados obtidos numa entrevista a um dos coordenadores da RBEP, acerca da plataforma desta comunidade e desenvolvemos o conceito de prática partilhada com base nas funcionalidades da plataforma da RBEP.

Palavras-chave: Bibliotecas Escolares / Comunidade de Prática / trabalho colaborativo

Introdução

Treze anos após a criação da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) por um despacho conjunto do Ministério da Cultura e da Educação, e depois de ter sido feito, por um grupo de trabalho constituído para o efeito, um diagnóstico das bibliotecas escolares e elaborado um relatório-síntese (“Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares”), muitas alterações têm sido verificadas nas bibliotecas escolares portuguesas, a nível do mobiliário, do fundo documental e da formação de professores e funcionários. Recentemente, já no final do ano lectivo 2008-2009, foi reconhecida a função do professor bibliotecário, de acordo com a portaria n.º 756/2009 de 14 de Julho.

Criada paralelamente a partir de um contexto de formação contínua por coordenadores que tinham como objectivo melhorar as suas práticas, a Rede de Bibliotecas Escolares do Porto formalizou-se, tornando-se mais visível à medida que se estabeleceram protocolos de cooperação.

Neste artigo, apresentamos dados preliminares relativos a inquérito aos actores pertencentes a esta rede: um questionário e uma entrevista a um dos seus coordenadores. Tratamos apenas um dos pontos da investigação que nos propomos realizar: caracterizar a RBEP enquanto comunidade de prática, baseando-nos em Wenger (1998, 2002, 2005), e identificar o impacto do portal / plataforma nos professores bibliotecários. Procuramos, assim, baseando-nos no conceito de prática partilhada, conhecer as vantagens que representa, para os professores bibliotecários, pertencer a uma comunidade de prática.

Após referência ao enquadramento teórico, caracterizamos a RBEP: os seus objectivos, a extensão e a estrutura. Por fim, abordamos a prática partilhada dos professores bibliotecários através das funcionalidades da plataforma. Concluimos sobre a importância que constitui esta rede de aprendizagem para o desenvolvimento profissional dos professores bibliotecários e sobre o impacto que a plataforma tem para a visibilidade do trabalho por eles desenvolvido.

Aspectos teóricos e metodológicos

Face à globalização, à aceleração da inovação e à evolução dos conhecimentos tecnológicos responsáveis pela transformação da nossa sociedade, é cada vez mais uma necessidade trabalhar em rede. A nível empresarial, o desenvolvimento de organizações em rede não é novo, constituindo-se há muito nesses contextos comunidades de prática de profissionais.

O trabalho do professor bibliotecário não é excepção. Numa profissão tão jovem, estes profissionais da informação e da documentação procuram organizar-se em redes de saberes para evitarem o isolamento e melhorarem as suas práticas. Wenger (2006)¹, um teórico de referência das Comunidades de Prática, define-as como grupos *“de pessoas reunidas que partilham uma preocupação ou uma paixão pelo que fazem e aprendem como fazê-lo melhor enquanto interagem regularmente”*. Para Wenger (2002), uma comunidade de prática é uma combinação de três elementos fundamentais: **um domínio de conhecimento** (por exemplo, as bibliotecas escolares), uma **comunidade de pessoas** que se interessa por esse domínio e uma **prática partilhada** que desenvolvem para serem competentes nele. O domínio de conhecimento da comunidade de prática cria um sentido de identidade, legitimando a existência da própria comunidade, pelo valor que esta representa para os seus membros. É este domínio que inspira os membros a participarem na comunidade e que dá sentido às suas acções, com as quais vão desenvolvendo uma prática partilhada.

Este conceito está associado ao fazer num contexto histórico e social (Wenger: 2002). O substantivo “prática”² provém do grego *praktiké* que significava “a arte de fazer alguma coisa”, uma actividade que visa a obtenção de resultados concretos; aplicação das regras e dos princípios de uma arte ou ciência; uma forma habitual de agir, uma conduta.

Na Língua Portuguesa, o verbo partilhar³, sendo transitivo (partilhar alguma coisa), significa dividir, repartir; sendo intransitivo, significa tomar parte (em), participar (em), experimentar o mesmo ponto de visto, sentimento...

Baseando-nos nas definições apresentadas, considerando o verbo partilhar como transitivo, referimo-nos ao conceito de “prática partilhada”, na medida em que os professores bibliotecários partilham os seus saberes, as suas experiências, histórias, etc.

Se considerarmos o verbo como intransitivo, compreendemos que os professores (com)partilham um domínio de conhecimento, isto é, juntos, trabalham na área das bibliotecas escolares.

Uma prática partilhada permite tornar a comunidade pró-activa, vivendo em torno de saberes especializados da profissão.

Segundo Wenger (2002), a prática implica partilha de livros, artigos, página Web e outros repositórios, por isso, a prática é uma espécie de mini-cultura que interliga os membros da comunidade e que evolui com ela, como um produto colectivo. Cada comunidade tem a sua maneira de tornar visível a sua prática. No caso da RBEP, essa visibilidade traduz-se essencialmente através da sua plataforma.

Segundo Wenger (1998, 2002) partilhar formas de trabalhar, recursos e conhecimentos facilita a aprendizagem dos membros da comunidade, permite aprofundar o domínio de referência, acelerar a inovação, facilitar a resolução de problemas.

A investigação em curso a que aqui nos referimos é um estudo de caso sobre a RBEP. No seu desenvolvimento, elaborámos um questionário com a finalidade de categorizar a RBEP enquanto comunidade de prática. Para além deste questionário, também realizámos entrevistas semi-estruturadas aos professores bibliotecários e a um dos coordenadores sobre a temática do funcionamento da plataforma RBEP.

Apresentação da Rede de Bibliotecas Escolares do Porto

Os Objectivos da RBEP

O Manifesto da RBEP (2009) caracteriza a rede explicitando os intervenientes no projecto, professores coordenadores das bibliotecas, o que os move e o que pretendem, isto é, a melhoria das condições de aprendizagem e a promoção da leitura. Este documento também refere o que está disponível na RBEP para toda a comunidade educativa, nomeadamente “um catálogo colectivo que integra as bases bibliográficas das bibliotecas da RBEP, a partilha de documentos, ‘e-Livros’, imagens, notícias”. Para além disso, este projecto faculta instrumentos e conteúdos mediadores de leitura.

Os objectivos do projecto, enunciados no manual de administração da rede, são os seguintes:

- normalizar procedimentos biblioteconómicos;
- monitorizar e racionalizar recursos documentais da Rede;
- criar um catálogo colectivo que se pretende exemplar, aberto e partilhável, sempre actualizado e que seja uma imagem dos acervos da Rede;
- disponibilizar uma biblioteca virtual on-line com documentos específicos para a Rede;
- normalizar a linguagem documental escolar de forma a permitir a uniformização da indexação nas bibliotecas escolares;
- facilitar os empréstimos inter-bibliotecas;
- divulgar notícias e eventos de interesse para a Rede.

A extensão da RBEP e os colaboradores

Em Setembro de 2009, a rede era constituída por 31 escolas agrupadas e 25 escolas não agrupadas do distrito do Porto, numa extensa área compreendendo os concelhos de Póvoa do Varzim, Maia, Paredes, Valongo, Matosinhos, Ermesinde, Lousada, Gaia e Gondomar. A rede não cessa de crescer, aguardando ainda a assinatura de protocolos de mais escolas cujos professores bibliotecários, apesar de ainda não pertencerem oficialmente à RBEP, já integram as reuniões de formação realizadas semanalmente às terças-feiras.

Para além das escolas associadas à RBEP, a rede conta ainda com sete instituições cooperantes: o Centro de Recursos e Investigação para a Literatura Infantil e Juvenil – CRILIJ; o Conservatório de Música do Porto; a Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral – APPC; a Biblioteca Municipal Almeida Garrett; o Centro de Formação Guilhermina Suggia; a Direcção Regional do Norte; e o Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE).

A estrutura da RBEP

A RBEP tem uma organização própria, um regulamento de cooperação. No artigo quarto desse regulamento, são definidos os órgãos de Direcção e Gestão da RBEP:

1. A Assembleia Geral de Representantes dos Agrupamentos e Escolas Secundárias aderentes à RBEP (Escolas Cooperantes) e de outras entidades com adesão protocolada (Assembleia Geral de Cooperantes: AGC).
2. Equipa Coordenadora (EC).
3. Conselho Técnico / Científico (CTC).

A RBEP como comunidade de prática

Caracterização da plataforma

A plataforma está alojada no seguinte endereço <http://194.79.88.139/rbep/> .



Figura 1: Portal da RBEP

Segundo o coordenador entrevistado, ela foi construída em software “Open Source” proveniente da UNESCO, permitindo, assim, ser adaptada às necessidades específicas dos professores bibliotecários. Este facto faz com que a plataforma seja um elemento essencial de reforço da identidade desta comunidade. Por isso, o mesmo coordenador salientou o facto de ela ser “nossa” (dos professores bibliotecários), por ter sido construída num processo que envolveu esses profissionais. Daí a plataforma ter um carácter dinâmico, em “permanente evolução”, sendo modificada e alterada em função *“do desenvolvimento do trabalho cooperativo das pessoas, a partilha que as pessoas fazem, as sugestões que elas põem.”*

Prática partilhada através da plataforma

Como é que a organização da plataforma contribui para desenvolver a prática partilhada?

Os quatro separadores, “Notícias”, “Catálogos”, “Virtualteca” e “Formação” facilitam o trabalho do professor bibliotecário na procura das rubricas. Este não se perde nas páginas porque todas estão sinalizadas com a navegação interna da plataforma.

As notícias são organizadas por ordem cronológica, estando a mais recente em primeiro. Existe sempre a possibilidade de consultar as mais antigas e de realizar a pesquisa de uma delas. Os professores bibliotecários podem assim publicar notícias sobre as actividades da sua biblioteca, e não só, de acordo com as regras estabelecidas durante as sessões de formação. Desta forma, estas notícias contribuem para a actualização dos conhecimentos dos professores bibliotecários, desenvolvendo-os profissionalmente neste aspecto.

No separador “Catálogos” o professor bibliotecário tem diversos catálogos disponíveis: o catálogo colectivo, os catálogos concelhios, o catálogo da Biblioteca Almeida Garrett, o catálogo da Memória Colectiva do Porto, o catálogo de recursos electrónicos e a terminologia de indexação escolar. Os professores bibliotecários usam sobretudo a funcionalidade do catálogo colectivo para publicarem o catálogo das suas escolas.

O catálogo é uma das funcionalidades da plataforma considerada das mais importantes, por isso é facilmente acessível. Segundo um dos coordenadores, “sem ele, não há biblioteca”. Uma biblioteca sem organização, sem catálogo, é um simples depósito de livros: “não há bibliotecas sem catálogo”. A divulgação desse catálogo também é essencial, porque “um catálogo escondido (...) não serve para nada, é como ter a biblioteca fechada à chave”. Assim, a utilização online do catálogo é importante para a promoção da biblioteca, não só para os alunos, os funcionários e professores, mas também para os pais. A plataforma surge, desta forma, como um veículo de divulgação do catálogo, evitando a dependência do papel e outros gastos. Para poderem partilhar o seu catálogo, os professores bibliotecários têm de aceder à plataforma enquanto

administradores, com uma palavra-chave e um nome de utilizador. O acesso é identificado pelo sistema através do nome de utilizador, sendo este convencional, tornando, assim, possível saber-se quem está a partilhar os seus documentos. Em qualquer momento o catálogo pode ser actualizado de forma simples, através do envio do ficheiro actualizado para o servidor alojado na Câmara Municipal do Porto.

Os professores bibliotecários, para além de catalogar livros, podem referenciar páginas relacionadas com as temáticas desses documentos, pois têm competências para distinguir o trigo do joio e verificar a fiabilidade das páginas Web visitadas.

Para os professores bibliotecários, o catálogo também constitui um auxílio para a parte técnica do seu trabalho, isto é, para o tratamento documental, uma tarefa pouco reconhecida e mal avaliada pela sociedade, porque invisível para os outros. Assim, estes podem copiar os ficheiros, aprendendo como é que os outros professores bibliotecários catalogam, tornando-se mais competentes, ou ainda servirem-se desses registos para economizarem tempo, dedicando-se, assim, à animação da biblioteca e ao apoio aos alunos na pesquisa documental. A RBEP fomenta uma política de livre acesso para o catálogo colectivo, valorizando o princípio da democratização, caso contrário, segundo um dos coordenadores, “as bibliotecas nunca estarão informatizadas.”

Ainda não há muitas escolas pertencentes à RBEP que partilham o seu catálogo. Um dos coordenadores, questionado sobre a sua satisfação relativa à participação dos professores bibliotecários na plataforma, não se mostrou muito satisfeito e atribuiu essa falta de partilha dos catálogos ao facto de estes profissionais serem *“demasiado perfeccionistas. Por exemplo fazem uma série de coisas que os inibem de publicar ou mostrar o seu trabalho”*. Apesar de tudo, segundo este coordenador, é já um grande passo os professores bibliotecários começarem a disponibilizar o catálogo online, depois de se convencerem de que *“a perfeição nunca se atinge e que as coisas vão-se aperfeiçoando”*.

A “Virtualteca”, neologismo criado pelos coordenadores da RBEP, é o terceiro separador da plataforma e serve para aceder a documentação em diversos formatos (ficheiros pdf, doc, xml, html, ppt) considerados de utilidade para os professores bibliotecários, para a sua actividade pedagógica. Nessa rubrica, estão também divulgados organismos nacionais e internacionais (a Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas – BAD ou ainda a International Association of School Librarianship – IASL), e encontram-se ligações externas para os blogs das bibliotecas escolares de escolas associadas. Esta funcionalidade da plataforma tem um papel importante nas práticas partilhadas dos professores bibliotecários na medida em que contribui para a sua formação profissional porque conhecem novos recursos. Estes dar-lhes-ão ideias que poderão reutilizar ou recriar.

O último separador, “Formação”, dá acesso aos itens “formação de utilizadores” e “e-formação”. Esta área está, até à data, sem actividade, por falta de animador. As disciplinas, para a

formação à distância, já foram criadas na plataforma Moodle, faltando tempo para coordenar e moderar essa e-formação. Em finais de Setembro, foi decidido utilizar a ferramenta “Glossário”, uma das funcionalidades da plataforma Moodle, a fim de poder divulgar recursos digitais considerados de interesse para o apoio ao currículo. Pretende-se, com isso, posteriormente e com a colaboração de todos, constituir uma interessante base de referências.

Sucederam-se várias experiências na plataforma: um fórum para os Encarregados de Educação e outros para os professores: *“discutir problemas relacionados mais com bibliotecas, mais virado para questões relacionadas, por exemplo, com o estatuto do bibliotecário”*, tendo sido considerada boa a adesão a este último. No entanto, esta área não foi considerada prioritária pelos animadores do portal, porque a prioridade actual na RBEP é a constituição dos catálogos das escolas associadas.

Para responder à questão que nos colocámos - como é que a organização da plataforma contribui para desenvolver a prática partilhada? - podemos dar alguns elementos de resposta. A plataforma disponibiliza ferramentas de trabalho colaborativo; contém um repositório de recursos; dispõe de ferramentas de comunicação (mensagens, agenda, chat); faculta um dispositivo de formação à distância. Mas as ferramentas, por si só, não fazem com que os professores bibliotecários as usem para partilhar as suas práticas, embora a sua escolha cuidada e a sua facilidade de utilização possam contribuir para isso. Então, o que é que move os professores bibliotecários a participar neste grupo? O desejo de aprender com os outros, isto é, a procura de um desenvolvimento profissional foi um aspecto referido nos questionários. O desejo de afirmar a sua identidade enquanto professor bibliotecário, dando visibilidade ao trabalho que desenvolve na escola, de pertencer a um grupo e de se formar profissionalmente são motivações para a participação na plataforma, segundo foi referido nas entrevistas. Esta participação também é facilitada pelo bom clima que se vive na rede, devido à disponibilidade e proximidade dos coordenadores. Desta forma, estes desempenham um papel fundamental, sendo essencial a sua acção para que a comunidade seja bem sucedida.

Os professores bibliotecários têm, assim, vantagens em participar na plataforma da RBEP porque esta comunidade é “um currículo vivo” (Wenger, 2002: 38), onde o saber pode ser tácito e explícito. Tácito, quando os professores bibliotecários conversam, trabalham em conjunto, trocam documentos entre eles, tomando decisões para a sua prática. Explícito, quando esse conhecimento é formalizado em guiões de apoio, por exemplo. Uma das tarefas de uma prática partilhada é a de estabelecer o conhecimento da comunidade que poderá ser usado por todos. Esse conhecimento está presente, para consulta, na plataforma, tornando-se um conhecimento social, que representa a história da comunidade. Todo o conhecimento produzido que foi reificado em documentos está disponível para um novo professor bibliotecário que queira integrar a rede.

Balanço da utilização da plataforma

Em dois anos de existência da plataforma, o sistema registou meio milhão de utilizadores. Nem todos os que acederam à página eram professores bibliotecários. É possível consultar as estatísticas, mas apenas enquanto administrador, e conhecer quais os coordenadores mais participativos. Os professores bibliotecários, ao entrarem como administradores, são identificados pelo sistema que regista o IP (Internet Protocolo) da máquina que está ligada à Internet, sabendo-se desta forma de onde são e quem são. No entanto, nem sempre os professores bibliotecários vão à plataforma como administradores, preferindo aceder como visitantes, quando não tem intenção de publicar um documento.

O esclarecimento de dúvidas, a assistência através do correio institucional da plataforma e a troca de experiências são aspectos fundamentais referidos nos questionários e nas entrevistas que contribuem para a melhoria das práticas. No questionário, verificámos que os professores bibliotecários consideraram-se mais responsabilizados em relação à sua prática profissional. Essa responsabilidade aumentou com a pertença à RBEP (93%), o que se verifica através da maior participação na plataforma. A plataforma da RBEP é vista como um importante meio de comunicação entre os professores bibliotecários. Estes recorrem à plataforma essencialmente para ler as notícias da RBEP; informar-se das convocatórias para as reuniões de formação; consultar documentos de apoio à prática profissional; disponibilizar o catálogo da sua escola; consultar o correio da RBEP; publicar notícias; ler a apresentação do livro da semana do Centro de Recursos e Investigação para a Literatura Infantil e Juvenil – CRILIJ; e partilhar documentos com os outros professores bibliotecários. Os rbebianos, designação atribuída aos professores bibliotecários da RBEP, consultam frequentemente a plataforma, havendo quem a visite todos os dias.

Conclusão

Neste artigo, apresentámos a RBEP, os seus objectivos, a sua extensão geográfica, a sua estrutura, a plataforma enquanto comunidade de prática de professores bibliotecários que trabalham colaborativamente num domínio de interesse, o das bibliotecas escolares. Eles trabalham de forma empenhada, partilhando um catálogo colectivo e recursos na Virtualteca, tornando visível para a comunidade em geral o trabalho que desenvolvem, através da publicação de notícias e de divulgação do catálogo colectivo. A plataforma da RBEP torna-se, assim, o instrumento dos professores bibliotecários, permitindo evitar o isolamento. Estes partilham as práticas devido às funcionalidades da plataforma e ao bom clima proporcionado pelos coordenadores da RBEP. Estes profissionais vêem interesse em participar na plataforma porque se desenvolvem profissionalmente.

Podemos sintetizar a importância desta comunidade do seguinte modo: ela facilita a aprendizagem, permite aprofundar um domínio específico, o das bibliotecas escolares, e acelera a inovação, devido à potencialidade de identificar novas soluções ou responder a um problema específico. O pensamento crítico dos professores bibliotecários é outro aspecto importante, uma vez que dele poderão surgir ideias novas, úteis para o desenvolvimento de toda a comunidade. A partilha é um aspecto fundamental na comunidade de prática e referida inúmeras vezes, tanto nos questionários realizados aos professores bibliotecários, como nas entrevistas.

Existe uma cultura comum entre os membros da RBEP, desenvolvendo-se, assim, o saber sobre o tratamento documental, o apoio às literacias e ao currículo.

Consideramos a plataforma da RBEP um modelo inovador a seguir, tendo sido já implementadas outras rede de Bibliotecas Concelhias pelo país, à semelhança da RBEP, como por exemplo, a Rede de Bibliotecas do Concelho de Arganil, havendo muitas outras a seguirem o modelo num futuro próximo (Carmo, 2009).

Notas

¹ <http://www.ewenger.com/theory/>

² Dicionário da Língua Portuguesa: 2004 – Porto: Porto Editora

³ Dicionário da Língua Portuguesa: 2004 – Porto: Porto Editora

Referências

Carmo, Fernando (2009). Catálogo: instrumento para o conhecimento. In *Newsletter* n.º4. Abril 2009 <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/72> (Consultado na Internet em 2-10-2009)

Manifesto da RBEP http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=149&fileName=manifesto_RBEP.pdf (Consultado na Internet em 2-10-2009)

PAROT, *Stéphanie et al.*, (2004). Livre Blanc. *Les communautés de pratique. Analyse d'une nouvelle forme d'organisation & panorama des bonnes pratiques*, Knowings e Pôle Productive Rhône-Alpes.

Rede de Bibliotecas Escolares - <http://www.rbe.min-edu.pt/> (Consultado na Internet em 2-10-2009)

Rede de Bibliotecas Escolares do Porto - <http://194.79.88.139/rbep/> (Consultado na Internet em 2-10-2009)

Wenger, Etienne (1998) *Communities of practice: learning, meaning, and identity*. Cambridge: University Press.

WENGER, Etienne, MCDERMOTT, Richard e SNYDER, William (2002) *Cultivating Communities of Practice: A Guide to Managing Knowledge*. Boston: Harvard Business of School Press.

Wenger, Etienne. (2006). Definitions. Página pessoal de Etienne Wenger. <http://www.ewenger.com/theory/> (consultado na Internet em 1-10-2009)